

A LÍNGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE¹

LA LENGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ Y PRÍNCIPE

THE PORTUGUESE LANGUAGE OF SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE

Amanda Macedo Balduino*

Universidade de São Paulo

Manuele Bandeira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Shirley Freitas***

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO: Este artigo discute a história e a situação linguística atual do português santomense e do português principense (PST e PP). O surgimento dessas variedades em São Tomé e Príncipe (STP) remonta ao estabelecimento colonial do português em um ambiente plurilíngue, bem como ao seu desenvolvimento inicial como segunda língua, e, posteriormente, como língua materna adquirida pelos nativos. Ademais, a partir de dados coletados *in loco*, o artigo apresenta um breve panorama sincrônico de alguns processos fonológicos, a saber: nasalização, alternância do rótico, vocalização e apagamento segmental, observados no PST e no PP. A análise de fatores históricos, sociais e linguísticos nos permite concluir que, em STP, é evidente o desenvolvimento de variedades locais próprias, as quais, embora ainda careçam de uma descrição e sistematização linguística robusta, são dotadas de traços linguísticos identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. São Tomé e Príncipe. Processos fonológicos.

RESUMEN: Este artículo analiza la historia y la situación lingüística actual del portugués de São Tomé y Príncipe (PST y PP). La aparición de estas variedades en São Tomé y Príncipe (STP) se remonta al establecimiento colonial del portugués en un entorno

¹ Agradecemos à FAPESP (Processos: 2015/25332-1 e 2017/26595-1) e à CNPq (Processo: 150051/2018-2) pelo financiamento que permitiu a condução dessa pesquisa e elaboração deste artigo.

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo. E-mail: amanda.m_b@hotmail.com.

** Professora Adjunta – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. Professora filiada ao PPGLinC – Programa de Pós-Graduação e em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: manuelebandeira@unilab.edu.br.

*** Professora Adjunta – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. Professora filiada ao PPGLinC – Programa de Pós-Graduação e em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: shirleyfreitas@unilab.edu.br.

multilingüe, así como a su desarrollo inicial como segunda lengua y, posteriormente, como lengua materna adquirida por los nativos. Además, a partir de los datos recopilados in situ, el artículo presenta un breve panorama sincrónico de algunos procesos fonológicos, a saber: nasalización, alternancia de la rótica, vocalización y borrado segmentario, observado en el PST y PP. El análisis de factores históricos, sociales y lingüísticos permite concluir que, en STP, se evidencia el desarrollo de sus propias variedades locales, las cuales, si bien aún carecen de una descripción y sistematización lingüística robusta, están dotadas de rasgos lingüísticos identitarios.

PALABRAS CLAVE: Lengua portuguesa. São Tomé y Príncipe. Procesos fonológicos.

ABSTRACT: This paper provides a linguistic overview of the history and current status of Santomean and Princepean Portuguese (PST and PP). The rise of these varieties in Sao Tome and Principe goes back to their colonial origins in a multilingual environment, and also to their development into Second Language of indigenous people – later nativized as mother language by their offspring. Besides, from data collected on the spot, the article presents a brief synchronic overview of some phonological features of these varieties, focusing on phonological phenomena such as nasalization, rhotic variation, vocalization and segmental deletion, which are recurrent in PST and in PP. The analysis of historical, social and linguistic factors allows us to conclude that the development of local varieties is evident in STP. Although there is lack of a robust linguistic description and systematization, PST and PP are endowed with identity linguistic traits.

KEYWORDS: Portuguese. Sao Tome and Principe. Phonological processes.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos algumas características do português de São Tomé e Príncipe, discutindo os percursos histórico-sociais que levaram o português a ser adquirido como língua materna (L1) e majoritária do país e o atual estatuto político da língua portuguesa na sociedade santomense. Além disso, reconhecendo a urgência de sistematizações linguísticas das diferentes variedades da língua portuguesa faladas no continente africano, visamos apresentar alguns processos fonológicos sincrônicos do Português Santomense (PST) e do Português Principense (PP): nasalização; alternância do rótico; vocalização e apagamento segmental.

A língua portuguesa, assim como qualquer outro sistema linguístico, é diversa e possui variedades com características linguísticas compartilhadas e singulares. Esse é o caso do PST e do PP, variedades vernaculares empregadas como língua materna da população urbana de São Tomé e Príncipe. O ambiente multilíngue no qual tais variedades estão inseridas, a transmissão inicial a partir de um *input* que correspondia a uma segunda língua (L2), e a necessidade de descrição linguística do PST e do PP justificam o propósito deste artigo: discutir essas variedades de modo a contribuir com o registro e a sistematização do PST e do PP. Objetivamos, assim, analisar a confluência de fatores históricos, sociais e linguísticos, que auxiliem não somente o entendimento da dominância linguística do português em STP, mas também permitam o reconhecimento de algumas normas e padrões linguísticos particulares e legítimos às variedades que emergiram no arquipélago.

Este artigo está organizado do seguinte modo: na Seção 2, reunimos alguns fatos históricos do primeiro (séculos XV e XVI) e do segundo período (séculos XIX e XX) de colonização portuguesa em STP e, na Seção 3, abordamos o período pós-colonial, debatendo a emergência da língua portuguesa de STP. Na Seção 4, expomos os métodos de análise e, na Seção 5, discutimos alguns aspectos fonéticos e fonológicos inerentes às variedades urbanas do português faladas no arquipélago. Na Seção 6, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 A PRESENÇA PORTUGUESA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe (STP) é um país do Golfo da Guiné, costa oeste africana, formado por duas ilhas: São Tomé e Príncipe. Neste país, a língua portuguesa é amplamente empregada pela população, caracterizando STP como único país africano cuja língua materna e majoritária é o português (GONÇALVES, 2010; GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015; BOUCHARD, 2017; BAXTER, 2018; ARAUJO, 2020; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020). Concomitante ao uso massivo do português em STP, outras línguas

também circulam pelas ilhas, como o santome (ISO 639-3: cri), o lung'le (ISO 639-3: pre), o angolar (ISO 639-3: aoa) e o kabuverdianu (ISO 639-3: kea) (FERRAZ, 1979; MAURER, 2009; HAGEMEIJER, 2009; 2011; ARAUJO; HAGEMEIJER, 2013; AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017). A coexistência não harmoniosa entre o português e as demais línguas é amparada por fatores históricos e sociais que promoveram uma ecologia linguística local complexa e estruturaram as interações linguísticas do arquipélago, aspectos discutidos nesta seção.

Os portugueses chegaram às ilhas de São Tomé e de Príncipe na metade do século XV, fixando-se no arquipélago em 1493 (FERRAZ, 1979). O contingente maior desses colonos, falantes de português, acarretou na importação de mão de obra escravizada para os serviços braçais e domésticos. Os escravizados recém-chegados eram originais de diferentes regiões do continente, como o Delta do Níger e o Reino do Congo e falavam diversas línguas africanas possivelmente dos grupos Kwa, Edo, Itsekiri e Ijo (cf. HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017).

O contato interlinguístico no arquipélago, demarcado pela convivência forçada entre esses povos distintos, possibilitou, então, o contato entre línguas africanas ininteligíveis dos grupos étnicos escravizados e o português do século XV, que, por ser a língua do colonizador, grupo social dominante, consistia em um possível alvo linguístico. A aprendizagem do português correspondia a um dos inúmeros reflexos da forte política de assimilação empregada pela coroa lusitana em STP. O propósito de tal política era apagar a identidade étnica dos povos escravizados pela europeização da colônia e de seus habitantes. A difusão da língua portuguesa era, justamente, uma das formas com que isso poderia ser feito. Ademais, tais pressões linguísticas eram acompanhadas por outras medidas racistas institucionalizadas como a obrigatoriedade, a partir de 1514, do batismo de escravizados (SEIBERT, 2015). Em até seis meses após serem instalados no arquipélago, os escravizados recebiam nomes cristãos – e europeizados – e eram violentamente assimilados na cultura portuguesa, tendo suas identidades étnicas e individuais silenciadas.

Após o estabelecimento dos grupos escravizados, conduzido por políticas assimilatórias, em 1515, D. Manuel determina que uma mulher escravizada deveria ser concedida a cada exilado da ilha, sendo alforriados os filhos gerados dessa união. Esse fato complexificou os estratos sociais na colônia, pois os escravizados alforriados detinham um status elevado dentro a sociedade local (BANDEIRA, 2017). O alto estatuto social ocupado pelos nativos alforriados refletia o sucesso da assimilação colonial institucionalizada em STP. A Coroa formara, assim, uma elite autóctone privilegiada que, detendo regalias negadas aos demais grupos, podia cooperar com a metrópole ainda que marginalizada pela população portuguesa. Ademais, os escravizados livres foram essenciais, também, para a nativização de um *pidgin* falado no arquipélago (HAGEMEIJER, 2009) que foi disseminado por todo o território: o protocrioulo do golfo da guiné (PGG) (BANDEIRA, 2017).

Conforme Bandeira (2017), o *fa d'ambô*, falado na ilha de Ano Bom, e o *lung'le*, empregado na ilha do Príncipe, surgiram a partir do PGG em decorrência dos grupos levados, para fins coloniais, à ilha de Ano Bom e à ilha de Príncipe. O *santome* ou *forro*, falado na capital, de outro modo, corresponde à língua-filha do PGG que permaneceu no local inicial de emergência da protolíngua não-ramificada (BANDEIRA, 2017). Já os escravizados foragidos, por fim, distanciaram-se da capital, organizando resistências quilombolas que se tornaram a comunidade dos Angolares, onde emerge o angolar.

Entre os séculos XVII e XVIII, o emprego do *santome*, do *lung'le* e do angolar foi favorecido pela saída massiva dos colonos portugueses de STP devido ao declínio da economia local (FERRAZ, 1979; BANDEIRA, 2017), período em que o acesso à língua portuguesa era escasso e as línguas autóctones amplamente faladas (cf. SEIBERT, 2012; ARAUJO, 2020).

A crise local do século XVIII foi prolongada até 1852, ano em que o segundo período de colonização portuguesa em STP foi instaurado com a reinstalação do sistema *plantation*, pautado na cultura do café e do cacau (cf. SEIBERT, 2015). A segunda tentativa de colonização é baseada no regime de contrato e recebe um número expressivo de contratados, fato que culminou na mudança demográfica do arquipélago (SEIBERT, 2015). Do início do século XX até 1950, por exemplo, os contratados, procedentes de Angola, Moçambique e Cabo Verde, eram mais numerosos do que a população nativa de STP (NASCIMENTO, 2008). Em relação à população branca, também é possível notarmos um maior influxo de colonos. Apenas entre os anos de 1885 - 1900, o número de portugueses no arquipélago foi de 150 a 1.185 (SEIBERT, 2015). Todavia, a despeito desse aumento de contingente lusitano, a

população branca correspondia apenas a 2,8% da demografia total de STP, número pouco expressivo no arquipélago para a difusão do português (ARAUJO, 2020).

Ademais, não obstante o elevado número de contratados desse período, não é possível assumir que o estabelecimento do português no país foi promovido pelos contratados recém-chegados às ilhas, ao contrário: o influxo de contratados, especialmente de cabo-verdianos, intensificou o cenário plurilíngue do arquipélago. Os cabo-verdianos não somente eram numerosos, como também se fixaram em STP com suas famílias e mantiveram o kabuverdianu como língua veicular e de transmissão entre esse grupo étnico – ainda que, do mesmo modo que a população local, também tenham sido submetidos a pressões assimilatórias. Nascimento (2010), Seibert (2015) e Bouchard (2017) indicam que o influxo de contratados intensificou a estrutura discriminatória que subjazia às relações sociais dentro do arquipélago: os portugueses detinham o poder político e econômico de STP, porém, dentre a população local, questões segregacionistas guiadas pela política de assimilação também eram evidentes.

Os forros descendiam de uma elite formada pelas políticas assimilatórias e, por isso, retinham privilégios negados aos demais. Nascimento (2010) e Bouchard (2017) afirmam que, dentre os diversos grupos que formam a sociedade de STP, os forros possuíam mais prestígio, recebendo educação em língua portuguesa e tendo acesso a cargos públicos. Os principenses, por seu turno, eram vistos de forma amigável, mas como ingênuos e facilmente ludibriados. Os angolares recebiam os rótulos de rudes e selvagens. Por fim, os contratados, que, assim como os angolares, se concentravam nas roças e nas regiões interioranas, eram vistos como selvagens (SEIBERT, 2015).

Seibert (2015) ressalta que a discriminação sofrida pelos diversos grupos estava relacionada ao seu nível de assimilação aos costumes portugueses: quanto mais os contratados e os nativos se mostravam próximos de elementos portugueses, menos eles eram discriminados. Dentre os aspectos portugueses valorizados estava o domínio da língua portuguesa. Tal domínio, contudo, estava circunscrito a uma pequena elite local, já que o acesso ao português era diminuto para a população em geral. A despeito desse cenário, pressões assimilatórias promovidas pela colônia portuguesa e a consolidação dos segmentos sociais de STP fizeram com que o português passasse a ser uma língua mais empregada pela população das ilhas, o que, conseqüentemente, leva à diminuição do uso e mesmo ameaça das línguas autóctones, conforme discutido por Gonçalves (2010), Gonçalves e Hagemeijer (2015), Seibert (2015), Araujo (2020) e Santiago e Agostinho (2000). Segundo Araujo (2020), a ampla propagação do português em STP pode ser explicada não só pelo estabelecimento do português como língua oficial do país após a independência em 1975 (sendo esse um fator crucial), mas também pela urbanização, a escolarização e a difusão da mídia.

Sendo o Plano de Urbanização uma tentativa de modernizar e homogeneizar os territórios ultramarinos lusitanos (cf. MILHEIRO, 2012), a escola, enquanto aparato urbano, foi instalada na cidade de São Tomé a partir de 1951 (MILHEIRO, 2012). Em decorrência disso, o ensino pôde ser democratizado e, ao ser feito, exclusivamente, em língua portuguesa, contribuiu para a difusão desta em STP (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015).

Conforme Nunes (2019), aprender em uma língua e aprender uma língua constituem processos distintos. Em STP, a população que tinha acesso à escola era escolarizada em língua portuguesa e não em suas línguas maternas. A exposição às línguas autóctones era inexistente, visto que não havia políticas linguísticas, na época, que se ocupassem de sua preservação (ARAUJO, 2020). Logo, o ensino na língua nativa foi esquecido e o ensino do português – até então língua estrangeira – instaurado, movimento comum em espaços onde línguas europeias convivem com línguas locais. Nunes (2019), a esse respeito, indica que as línguas europeias restringem e camuflam línguas autóctones. A obrigatoriedade do português e o apagamento das demais línguas na escolarização de STP, no período pós-colonial, compôs um sistema excludente que, além de limitar a inserção do indivíduo na escola ao português, marginalizou e silenciou as línguas locais.

Outro aspecto importante para compreensão do domínio português frente às demais línguas em STP diz respeito à participação das elites locais (ARAUJO, 2020). Conforme Araujo (2020), a escolha do português como língua oficial, justificada a partir de um discurso de “neutralidade étnica” diante da diversidade linguística do arquipélago, obscurece o fato de que esta já era a língua de um grupo social, a elite santomense. A caracterização da diversidade linguística como um problema passível de resolução com o estabelecimento do português como língua oficial e franca se constitui uma argumentação vigente até hoje nos PALOP (Países

Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Monteagudo (2012, p. 45) aborda essa transformação da diversidade linguística de natural para uma realidade anômala e disfuncional quer na ideologia quer na prática, alegando que tal transformação é resultado de “operações glotopolíticas de homogeneização de populações falantes de várias línguas”. Com a saída da elite portuguesa do poder, a elite santomense manteve os demais grupos do arquipélago, falantes de outras línguas africanas autóctones ou não, na base da pirâmide social, preservando os valores herdados da política assimilatória difundida no arquipélago e, portanto, mantendo o status quo do português (SEIBERT, 2012; BOUCHARD, 2017; ARAUJO, 2020).

O êxito do português enquanto L1 decorreu de uma confluência de fatores. A urbanização, a democratização do ensino e a ausência de políticas linguísticas destinadas às línguas autóctones impuseram o aprendizado do português à população e silenciaram as línguas locais. Os valores herdados da política colonial de assimilação, disseminada, inicialmente, pela coroa lusitana e, no período pós-colonial, propagada pela elite local, permearam a sociedade santomense. Assim, a maior parte dos grupos nativos de STP favoreceu a transmissão linguística do português, adquirido tardiamente como L2 pela população que era alfabetizada em língua portuguesa, e transmitido como input linguístico às gerações mais novas que o adquiriam como L1. A atitude linguística do falante, moldada no processo de socialização colonial, foi, portanto, fundamental para difusão do português.

Adotar um sistema linguístico e usá-lo é um ato ideológico (cf. NUNES, 2019). São justamente as ideologias construídas socialmente que orientam o(s) uso(s) linguísticos dos falantes e, no caso de STP, são estas que promoveram uma atitude negativa diante das línguas autóctones e positiva em relação ao português. Os grupos nativos afastaram-se, em medidas distintas, da identidade linguística de seu grupo². O emprego das línguas locais refletia a identidade étnica do indivíduo por oposição e, paradoxalmente, revelava o pertencimento a uma comunidade linguística cujo status era baixo. Já o português, apresentado como uma língua de unificação nacional, era vendido como “língua de todos”, facilitando a alternância de transmissão de código linguístico. Ou seja: mesmo o multilinguismo em STP sendo uma situação contemporânea, o português sobrepuja as línguas locais - herança de uma lusofonia empregada com fins de controle geopolítico e respaldada em políticas de assimilação.

Em STP, a língua portuguesa é a língua veicular de uso cotidiano da população santomense e, muitas vezes, única língua de seus falantes, especialmente das camadas mais jovens da população. As especificidades da conjuntura multilíngue do arquipélago promoveram o cenário de contato linguístico entre as línguas locais e o português - quer no momento em que este era adquirido como L2, quer na atualidade, quando o português é a L1 majoritária do país -, e culminaram, também, no desenvolvimento de variedades locais próprias, dotadas de traços linguísticos identitários. Os diferentes falares portugueses de STP já não correspondem à norma europeia inicialmente ali instaurada, mas “santomizou-se” e é, hoje, português(es) de São Tomé e de Príncipe³. Isso posto, realizamos, na seção a seguir, uma breve apresentação sociohistórica da língua portuguesa, enquanto variedade(s) particular(es) de STP, nos espaços contemporâneos de país.

3 O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E DE PRÍNCIPE

Em STP, o português é empregado por cerca de 98,4% da população santomense, uma alta proporção de falantes em contraste às línguas nacionais que apresentam uma parcela menor: santome (36,2%), lung'le (1,0%), angolares (6,6%) e kabuverdianu (7,86%) (INE, 2012). A despeito de o censo de 2012 não trazer informações acerca do estatuto de L1 ou L2 das línguas recenseadas, mediante a distribuição percentual fornecida pelo documento pode ser inferido o desequilíbrio da convivência entre a língua oficial e as demais línguas do arquipélago.

A aquisição do português é pré-requisito para educação, empregabilidade e acesso aos diferentes meios de comunicação em STP (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). A língua massivamente usada nos centros urbanos é o português que descende da passagem de

² Os cabo-verdianos e os angolares não se distanciaram tão fortemente de seu grupo do ponto de vista linguístico quanto santomenses e principenses, pois tanto o kabuverdianu quanto o angolares apresentam maior vitalidade quando comparados ao santome e ao lung'le, sendo mais usados e havendo inclusive falantes dessas línguas como L1. No Príncipe, o kabuverdianu é mais falado do que o próprio lung'le, a língua local. Já na comunidade de Rio Grande, há falantes monolíngues de angolares e crianças que têm contato com português apenas quando começam a frequentar a escola.

³ Nomenclatura utilizada por Miguel (2008) para o português angolano (PA) (“angolanizou-se”).

L2 para L1 (GONÇALVES, 2010). A transmissão linguística irregular identificada na disseminação do português em STP resulta em reanálises estruturais (LUCCHESI; BAXTER, 2009) que, por consequência, atribuem traços linguísticos identitários às variedades do português que emergiram no arquipélago. É natural, portanto, que algumas características das línguas autóctones, na condição de L1, fossem transportadas e empregadas no português L2, o qual, posteriormente, era transmitido às gerações mais novas e adquirido como L1.

As variedades do português, recém-emergidas no arquipélago, são afetadas, ainda, por questões regionais, culturais e sociais que, com o tempo, afastam, ainda mais, o português falado em STP de outras variedades congêneres, moldando-o à sua ecologia linguística e à realidade dos falantes. Autores como Gonçalves (2010), Bouchard (2017), Gomes (2018), Santiago e Agostinho (2020), dentre outros, discutem algumas das particularidades do português vernacular santomense e principense, os quais podem ou não compartilhar estruturas com o português europeu (PE), norma linguística e língua-alvo da população de STP.

Ainda que o PST e o PP sejam referidos, neste artigo, como as variedades urbanas de STP, estas não são únicas no arquipélago. No arquipélago, é possível observar ainda o português de Almocharife (PA), falado na zona costeira oriental da ilha de São Tomé; o português dos Tongas (PT), empregado na comunidade da roça Monte Café, região mais central da ilha de São Tomé (cf. BAXTER, 2018), e mesmo variedades ainda não registradas, como o português dos angolares (PAG), falado na comunidade dos angolares e em contato direto com o angolano, e o português dos cabo-verdianos (PCV), em contato com o kabuverdiano e falado nas comunidades de descendentes dos contratados. Essas variedades, além de geograficamente separadas, possuem uma frequência distinta de contato com as diferentes línguas crioulas, estando inseridas em diferentes microssistemas linguísticos em STP, o que pode culminar no desenvolvimento de estruturas linguísticas também distintas.

O PST e o PP, foco deste artigo, compartilham semelhanças com outras variedades, como o PB e o PE, e também têm características singulares que podem aproximá-las, ou não, do santome, do lung'le, ou das demais línguas faladas no arquipélago, fatos linguísticos que reforçam seu estatuto como variedades efetivas do português enquanto L1 (BALDUINO, 2018). Os argumentos fonéticos e fonológicos que reforçam a ideia da consolidação do PST e do PP como variedades identitárias do português são discutidos na Seção 5, após a delimitação do corpus e métodos na Seção 4 a seguir.

4 CORPUS E MÉTODO

Para análise de propriedades fonotáticas gerais do PST e do PP, adotamos dois métodos de coleta de dados. Para compilar os fenômenos fonológicos nas variedades de STP, trabalhamos com dados de fala espontânea coletados *in loco* através de entrevistas com duração de 60 minutos conduzidas por sujeitos de diferentes sexos e idades. Posteriormente, coletamos dados a partir da aplicação de testes, como elicitación de dados com auxílio de imagens, bem como repetição de frases-veículos “Eu falo X baixinho”, em que X era substituído pelo item-alvo. Enquanto a primeira etapa foi fundamental para identificação dos fenômenos analisados e das possíveis variáveis linguísticas envolvidas em tais processos, a segunda fase foi essencial para examinarmos e testarmos as hipóteses preliminares.

As entrevistas, assim como a gravação de dados de fala controlada, ocorriam em ambientes fechados, como salas de prédios locais e eram iniciadas após a aplicação de um formulário pelo qual extraíamos algumas informações pessoais dos informantes que poderiam ser relevantes para a análise linguística⁴. Durante a análise, os primeiros 15 minutos de cada entrevista foram descartados.

As gravações de fala controlada foram coletadas de modo a testar os possíveis padrões e domínios linguísticos que poderiam motivar os fenômenos examinados (ALBANO, 2017). A gravação controlada das sentenças permitiu que itens lexicais contendo possibilidade de alteração sonora, como no caso da vocalização e da nasalização, fossem observados dentro da frase-veículo “Eu falo X baixinho”. Por intermédio dessa frase, as estruturas-alvo puderam ser isoladas e examinadas, posto que controlamos os contextos

⁴ Após o termo de consentimento ser apresentado e assinado, esse formulário era apresentado no início de cada sessão de gravação, sendo feito por meio de perguntas realizadas pelo entrevistador. Essas perguntas abarcavam: (i) nome completo; (ii) data de nascimento; (iii) escolaridade; (iv) naturalidade; (v) naturalidade dos pais; (vi) fala outras línguas?; (vii) compreende outras línguas? e (viii) já saiu de São Tomé e Príncipe alguma vez? Por quanto tempo?

segmentais adjacentes, as proeminências lexical e frasal e a ocorrência do fenômeno considerando seu posicionamento dentro da palavra.

Nas tabelas 1-2 apresentamos os dados dos informantes avaliados. No total, os dados de fala espontânea foram gravados com 20 sujeitos e os de fala controlada com 12 sujeitos, distribuídos conforme a variedade, idade, sexo e escolaridade. A escolaridade está separada em: média (6-9 anos), alta (10-12 anos) e graduação. Como exposto, as entrevistas apresentam maior variabilidade de idade e escolaridade e visam, justamente, representar uma amostra de fala mais heterogênea das variedades examinadas. Os dados obtidos por elicitación e repetição de frases-veículos, todavia, são mais homogêneos, possuindo todos os informantes alta escolaridade e faixa etária entre 18-23 anos.

Tabela 1: Informantes – Fala Espontânea

PST			PP		
Idade	Sexo	Escolaridade	Idade	Sexo	Escolaridade
18	M	Alta	20	F	Média
18	F	Alta	20	F	Alta
19	F	Alta	25	F	Média
19	M	Alta	26	F	Média
20	F	Média	27	M	Alta
23	F	Média	31	M	Média
24	M	Alta	35	M	Média
41	M	Alta	37	F	Alta
43	M	Alta	46	F	Alta
52	F	Graduação	50	F	Alta

Fonte: elaboração própria

Tabela 2: Informantes – Fala Controlada

PST			PP		
Idade	Sexo	Escolaridade	Idade	Sexo	Escolaridade
18	M	Alta	18	M	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
19	M	Alta	19	M	Alta
22	F	Média	20	F	Alta
23	M	Média	20	M	Alta

Fonte: elaboração própria

Todos os dados coletados foram analisados no Praat para delimitarmos, acusticamente, a ocorrência ou não dos fenômenos analisados. Desse modo, o item lexical alvo era etiquetado e recortado em um arquivo de áudio WAV menor para analisarmos critérios linguísticos como: alvo, gatilho(s) e contexto(s) segmentai(s) e suprasegmentai(s) que pudessem afetar os fenômenos examinados. A seguir, na seção 5, apresentamos os fenômenos analisados.

5 ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DO PST E DO PP

Esta seção é destinada à discussão de alguns fenômenos fonológicos observados no PST e no PP. Inicialmente, na subseção 5.1, trataremos brevemente da nasalização vocálica. A subseção 5.2, por seu turno, discutirá os segmentos róticos. Posteriormente, a vocalização será objeto da subseção 5.3, seguida pela observação dos processos de apagamentos segmentais (subseção 5.4).

5.1 NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

O PST e o PP apresentam vogais nasalizadas correspondentes ao resultado de processos distintos de nasalização regressiva vocálica: nasalização tautossilábica, promovida por uma coda nasal, e nasalização heterossilábica, engatilhada por um onset nasal (BALDUINO, 2018; ARAUJO; BALDUINO, 2019).

A nasalidade tautossilábica é atestada em contexto tônico (1.a) e átono (1.b), sendo opcional em fronteira de palavra, como nos dados (1.c) e (1.d).

- (1) a. **grande** [ˈgrẽ̃n.dɪ] ~ [ˈgrẽ̃.dɪ]
 b. **grandeza** [grẽ̃n.ˈde.zɐ] ~ [grẽ̃.ˈde.zɐ]
 c. **jovem** [ˈʒɔ.vẽ̃] ~ [ˈʒɔ.vẽ̃j] ~ [ˈʒɔ.vɪ]
 d. **homem** [ˈɔ.mẽ̃] ~ [ˈɔ.mẽ̃j] ~ [ˈɔ.mi]

É possível que a nasalização seja acompanhada também pela ditongação ([ẽ̃] > [ẽ̃j]). A opcionalidade da nasalização em (1.c) e (1.d) é acompanhada pelo apagamento de /N/, que ocorre antes mesmo do espraçamento da nasalidade e inviabiliza o processo (ARAUJO; BALDUINO, 2019). O apagamento de codas em fronteira de palavra é recorrente em variedades do português faladas em STP (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020), sendo um fenômeno lexical comum a todos os segmentos licenciados na coda do PST.

Conforme Balduino (2018), o apagamento da coda nasal final tem como domínio a sílaba átona, não sendo constatado, nos dados examinados pela autora, estruturas como **maçã** *[ma.ˈsa], cujo processo de nasalização não é observado em tônicas finais. Assim sendo, este é um fenômeno que parece considerar o acento e a sílaba em sua implementação.

Em relação à nasalidade engatilhada por /ɲ/, notamos sua opcionalidade, como indicado nos exemplos em (2) (BALDUINO, 2020).

- (2) a. **banho** [ˈbẽ̃.ɲɔ] ~ [ˈba.ɲɔ]
 b. **banheira** [bẽ̃.ˈɲe.rɐ] ~ [ba.ˈɲe.rɐ]

Distintamente do PB e do PE, no PST e no PP, /ɲ/ pode ou não espraçar seu traço [nasal] para a vogal precedente, seja em sílaba tônica (2.a), seja em sílaba átona (2.b). A ausência do processo de nasalização, engatilhado pela nasal palatal, permite que questionemos uma possível natureza ambissilábica deste segmento, visto que, de modo contrário ao PB, ela não promove nasalidade obrigatória, um dos argumentos adotados na literatura para a defesa de sua ambissilabidade (WETZELS, 1997, 2000, 2007).

Por fim, a opcionalidade do processo também é percebida para a nasalidade heterossilábica, engatilhada apenas em sílabas que portam proeminência do pé, como indicado em (3) (ARAUJO; BALDUINO, 2019).

- (3) a. **cama** [ˈkɛ̃.mɐ] ~ [ˈka.mɐ]
 b. **camarada** [ˌkɛ̃.mɐ.ˈra.dɐ] ~ [ˌka.mɐ.ˈra.dɐ]
 c. **camada** [ka.ˈma.dɐ]

Os dados em (3) indicam que a nasalidade heterossilábica é opcional, inclusive, em sílabas tônicas (3.a), porém, nunca ocorre em sílabas átonas que não portem, também, a proeminência do pé (3.c). A impossibilidade da nasalização em sílabas átonas, bem como sua opcionalidade em sílabas tônicas, aproximam o PST e o PP do santome e do lung'le, posto que, também nestas línguas, o onset nasal não engatilha, obrigatoriamente, nasalidade (BANDEIRA, 2017; AGOSTINHO; BALDUINO; ARAUJO, 2020). O contato surge como um fator que pode e deve ser examinado a partir de uma abordagem epistemológica que ofereça ferramentas para análise do papel que as demais línguas de STP podem ter exercido no sistema fonológico do PST e do PP. Não nos dedicaremos a essa discussão neste artigo, porém chamamos atenção para a importância, na sistematização linguística das variedades de STP, de considerarmos o ambiente multilíngue – e suas especificidades – no qual o PST e o PP estão inseridos.

5.2 RÓTICOS

O grupo dos róticos, no PST e no PP, tem sido alvo de discussão em estudos como Agostinho (2016), Brandão et al. (2017), Bouchard (2017; 2018), Balduino (2019), Brandão (2018), Agostinho, Soares e Mendes (2020), Agostinho e Mendes (2020) e Vieira e Balduino (2021). Em tais variedades, os róticos são, de modo mais frequente, porém, não de forma exclusiva, produzidos como um tepe [r] ou como uma fricativa ou vibrante uvular [ʁ] e [R], e, distintamente das variedades do português brasileira e europeia, alternam não somente em coda, mas também em onsets complexos, quando o rótico ocupa a posição de C2, como em (4.a) e em contexto intervocálico, variação que produz homônimos homófonos como (4.b) e (4.c)

- (4) a. **fraco** [ˈfɾa.kɔ] ~ [ˈfɾa.kʊ] ~ [ˈfra.kʊ]
 b. **caro** [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.Rʊ] ~ [ˈka.rʊ]
 c. **carro** [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.Rʊ] ~ [ˈka.rʊ]

Conforme Bouchard (2017), no PST, o uso do r-forte, que a autora compreende como fricativa uvular sonora [ʁ], possui a faixa etária como variável relevante, sendo mais comum entre as gerações mais novas, mais especificadamente entre pessoas abaixo de 35 anos, o que equivale a aproximadamente 80,8% da população do arquipélago (WORLDBANK, 2019). Já as gerações mais velhas, as quais compõem cerca de 19,2% da população de STP (WORLDBANK, 2019), não somente preferem o r-fraco, entendido como [r], como desfavorecem o uso de [ʁ], considerando esta uma característica inadequada da variedade de São Tomé, pois este é um traço que afasta o PST do PE.

Assumindo, então, que a variação entre o r-fraco e o r-forte é observada em diferentes contextos silábicos, está presente em regras lexicais e pós-lexicais, não é determinada categoricamente por algum contexto segmental, pode ser identificada na fala de um mesmo indivíduo, e é favorecida pelo fator idade (cf. BOUCHARD, 2017), admitir /r/ e /ʁ/ como fonemas ou apenas postular a existência de um fonema rótico neutralizado /R/ não são generalizações válidas para explicar o uso do rótico no PST e no PP. Examinamos, neste trabalho, diferentes possibilidades do estatuto fonológico do rótico.

Em um primeiro momento, diante de trabalhos como o de Bouchard (2017), que atesta o uso de [ʁ] ser favorecido pela população mais jovem de São Tomé, podemos pensar na possibilidade de haver dois róticos (r-forte e r-fraco) licenciados nos quadros fonológicos de ambas as variedades. Esses possíveis fonemas não são capazes de gerar oposição de pares mínimos ou caracterizar um estado de neutralização /R/, mas constituiriam formas concorrentes de um processo de mudança sonora em curso e, por isso, alternariam em todos os contextos fonotáticos em que o rótico é previsto, inclusive na fala de um mesmo falante. Nesse caso, embora haja formas concorrentes, o sistema fonológico do PST e do PP se encaminharia para a existência de apenas um rótico.

Essa hipótese adquire robustez a partir do trabalho de Agostinho, Soares e Mendes (2020) que discute a fusão de quase-fonemas no PP, ou seja, de segmentos que apresentam relações fonológicas intermediárias, variando no grau de previsibilidade e contraste

(AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020). De acordo com o experimento conduzido pelos autores, há evidências que sugerem fusão e perda de contraste dos róticos no PP. Isso ocorreria, ainda conforme o estudo em questão, em decorrência: (i) do status quase-fonêmico do r-forte e do r-fraco, já que, no PB e no PE, e, possivelmente, em variedades pretéritas do português levadas à ilha, o único contraste estabelecido pelo r-forte [r, h, x, ʀ, ʁ] e o r-fraco [r] é o contexto intervocálico; (ii) da sua baixa carga funcional no sistema, pois, como demonstrado por Agostinho, Soares e Mendes (2020), o r-forte e o r-fraco produzem poucos contrastes fonêmicos em comparação a outros segmentos da língua, como /t, d/, /p, b/, entre outros; e, por fim, (iii) do contato linguístico com as línguas crioulas faladas na região, em especial o *lung'le* (AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

Para os autores, o contraste fonêmico entre os róticos no português do século XV, percebido ainda hoje em variedades como o PB e o PE, foi arrefecido após a emergência e o contato com crioulos de base lexical portuguesa, como o *lung'le*, *santome*, *angolar* e *kabuverdianu*, línguas que carecem de contraste entre róticos. De modo a sustentar a relevância do contato entre o português e as línguas locais para a perda de contraste entre róticos, Agostinho, Soares e Mendes (2020) fazem um paralelo entre o PP e outras variedades do português em que o enfraquecimento do contraste em róticos também é relatado, como ocorrem com o português de Moçambique (PM) e com algumas variedades do português brasileiro (PB) (cf. AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

De acordo com Brandão e Paula (2018), no PM, o enfraquecimento do contraste entre os róticos é acompanhado, por exemplo, pelo contato dessa variedade com diversas línguas bantu, como o *changana* que apresenta apenas uma vibrante alveolar /r/. No entanto, nesse estudo, as autoras chamam a atenção para o fato de que, em Moçambique, o português é a L1 de apenas 10% da população, sendo necessário analisar, em trabalhos futuros, a produção de róticos no PM contrapondo os falantes de português L1 e L2 (BRANDÃO; PAULA, 2018).

Ainda de acordo com a argumentação de Agostinho, Soares e Mendes (2020), no Brasil, as variedades em contato com dialetos italianos, trazidos ao Brasil no século XIX, também perderam o contraste entre róticos, o que é refletido na prevalência do tepe intervocálico em detrimento de outras variantes do rótico atestadas em outras variedades do PB. Conforme demonstrado pelo estudo de Comiotto e Margotti (2019), a perda de contraste entre róticos, nesta variedade em contato com dialetos italianos, além de marca linguística, configura uma marca cultural dos descendentes de imigrantes italianos provenientes da região do vêneto (COMIOTTO; MARGOTTI, 2019).

As variedades de português referidas por Agostinho, Soares e Mendes (2020), apresentam, como ponto comum, o longo contato com línguas com apenas um rótico em seu sistema fonológico. Os autores concluem, assim, que contrastes quase-fonêmicos de baixa carga funcional tendem a se fundir em situações de contato profundo com línguas com apenas um rótico. Sendo assim, o experimento conduzido por Agostinho, Soares e Mendes (2020) para o PP, em consonância com a análise sociolinguística empreendida por Bouchard (2017) para PST, embora partam de abordagens metodológicas distintas, apontam para um mesmo horizonte: há um processo de mudança em curso cujo resultado é a fusão do r-forte e do r-fraco, sendo relevantes para esses processos o contato linguístico e o favorecimento da variante [ʀ] pelos falantes jovens.

Propostas como a de Bouchard (2017) e a de Agostinho, Soares e Mendes (2020) demonstram que a discussão em torno do estatuto do(s) rótico(s), no inventário fonológico do PST e do PP, trilha caminhos diferentes do debate em torno do rótico no PB e no PE, tema alvo de controvérsias. Para essas variedades, o estatuto do rótico no inventário fonológico da língua portuguesa não é consensual, sendo ora estabelecido como um único fonema, ora como dois fonemas (CÂMARA JR., 1953; 1970; 1971; MATEUS; D'ANDRADE, 2000; ABAURRE; SÂNDALO, 2003).

Balduino (2022), ao analisar o quadro consonantal sincrônico do PST e do PP, assume, a exemplo de Agostinho, Soares e Mendes (2020), a existência de apenas um fonema rótico. Seguindo a proposta de Câmara Jr. (1953) e de Abaurre e Sândalo (2003), no entanto, a autora levanta a hipótese de uma proposta estabelecida em termos mais abstratos, em que ambas as formas [r] e [ʀ] poderiam derivar de uma forma pretérita /r/, estando o processo de mudança relacionado à perda da adjacência de dois fonemas idênticos.

De acordo com Abaurre e Sândalo (2003), o r-forte, no PB, assim como em outras línguas ibéricas como o espanhol (HARRIS, 2002), corresponde a um epifenômeno de dois fonemas idênticos, ou seja, é um efeito do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) (McCARTHY, 1986). Logo, considerando a ação do OCP como um fenômeno natural, é muito comum que as línguas evitem segmentos idênticos adjacentes, ou mesmo segmentos adjacentes cujo ponto de articulação é o mesmo. Dessa forma, corroborando a hipótese de Câmara Jr. (1953), Abaurre e Sândalo (2003) assumem que, no português, a vibrante poderia ocorrer intervocalicamente geminada, ao passo que o tepe é interpretado como uma variante posicional que, devido à perda do traço de continuidade, é enfraquecida em ambiente intervocálico. Dito de outro modo, quando não geminado, o rótico é produzido como um tepe entre vogais, se geminado fonologicamente, é realizado como um r-forte. Em início de palavra não precedida por uma vogal, o rótico permanece vibrante, ou é realizado como uma fricativa ou vibrante glotal na maioria dos dialetos do PB (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003).

Por um lado, considerando que, no PST e no PP, o contexto intervocálico não determina a produção de r-forte ou de um r-fraco, não podemos pressupor que haja um processo de enfraquecimento posicional em curso em tais variedades. Além do mais, /r/ e /ʁ/ alternam em todos os contextos de tonicidade, sílaba e segmento. Logo, se não há um enfraquecimento posicional que possa ser justificado estruturalmente, não é possível assumir, para tais variedades, a existência de róticos fonologicamente geminados que não são superficializados no output. Por outro lado, /r/ é a forma fonológica que possibilita uma derivação de traços mais econômica para [r] e [ʁ], dada, respectivamente, mediante o desligamento do traço [contínuo], e pela posteriorização da vibrante (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003). Tais argumentos, ao serem avaliados em conjunto, levam Balduino (2022), baseada na proposta de Abaurre e Sândalo (2003) para o PB, a sugerir que o processo de mudança atestado por Bouchard (2017) seja engatilhado pelo desaparecimento da forma geminada /rr/ no PST e no PP que, devido à sua inexistência sincrônica, não requer a ação do OCP e, por isso, permite uma mesma derivação para /r/, que pode ser feita a partir do r-forte e do r-fraco, atualmente formas concorrentes.

Assim, as formas fonológicas que, supostamente, no PB e no PE, seriam /karro/ > ['ka.ʁʊ] (com implementação do OCP) e /karo/ > ['ka.rʊ] (com enfraquecimento intervocálico), são, subjacentemente, idênticas no PST e no PP: /karo/ > ['ka.ʁʊ] ~ ['ka.rʊ] e /karo/ > ['ka.rʊ] ~ ['ka.ʁʊ], além de poder derivar as outras formas de róticos presentes na língua inclusive na coda. Isso, somado ao fato de que [r] seja favorecido pelas gerações mais velhas e [ʁ] pela população mais jovem (cf. BOUCHARD, 2017), sugere que ambas as formas – e suas diversas realizações – são formas concorrentes, derivadas de /r/.

Nos estudos revisitados, até o momento, notamos que, mediante propostas distintas, suportadas por quadros teóricos diversos, o rótico, no PST e no PP, é interpretado como um único fonema no quadro fonológico da língua. De fato, nos dados analisados, não foi verificada a oposição entre [r] e [ʁ], sendo a alternância [r]~[ʁ] verificada em contextos tônicos e átonos e em distintas posições silábicas onde o rótico é licenciado, como sintetizado no quadro 1. Não há, assim, pares mínimos opondo r-forte e r-fraco e, mesmo em onset complexo, o rótico varia entre tepe e uvulares, o que parece mostrar que não há um contexto em que um dos róticos seja preferido.

Quadro 1: Distribuição do Rótico no PST e no PP: sílaba e tonicidade

Sílaba		Tônica		Átona
CV	Parede	[pa.'re.di] ~ [pa.'ʁe.di]	Caro	['ka.rʊ] ~ ['ka.ʁʊ]
CCV	Prato	['pra.tʊ] ~ ['pʁa.tʊ]	Profeta	[pro.'fɛ.tɐ] ~ [pʁo.'fɛ.tɐ]
CVC	Parte	['par.ti] ~ ['paʁ.ti]	Pergunta	[per.'gũ.tɐ] ~ [peʁ.'gũ.tɐ]
CV	Rato	['ra.tʊ] ~ ['ʁa.tʊ]	Ralado	[ra.'la.dʊ] ~ [ʁa.'la.dʊ]
VC	Urso	['ur.sʊ] ~ ['uʁ.sʊ]	Urbana	[ur.'ba.nɐ] ~ [uʁ.'ba.nɐ]
CVC	Arroz	[a.'rɔʒ] ~ [a.'ʁɔʒ]	Raspado	[raf.'pa.dʊ] ~ [ʁaf.'pa.dʊ]

Fonte: elaboração própria.

O mesmo é observado em relação ao contexto segmental, cuja variação [r]~[ʁ] foi notada, espectralmente, diante de todas as sete vogais do sistema vocálico do PST e do PP. No quadro 2, apresentamos alguns exemplos desta alternância, considerando apenas sílabas CV e CCV cuja alternância do rótico não é prevista em variedades como o PB e o PE.

Quadro 2: Distribuição do Rótico no PST e no PP: vogal e tonicidade

Vogal		Tônica		Átona
[i]	Carrinha	[ka.'rĩ.ɐ] ~ [ka.'ʁĩ.ɐ]	Perigoso	[pe.ri.'go.zõ] ~ [pe.ʁi.'go.zõ]
[e]	Careta	[ka.'re.tɛ] ~ [ka.'ʁe.tɛ]	Reprovar	[re.po.'va] ~ [ʁe.po.'va]
[ɛ]	Carece	[ka.'rɛ.sɪ] ~ [ka.'ʁɛ.sɪ]	Preguiçoso	[prɛ.gi.'so.zõ] ~ [pʁɛ.gi.'so.zõ]
[a]	Tirar	[ti.'ra] ~ [ti.'ʁa]	Tira	['ti.rɛ] ~ ['ti.ʁa]
[ɔ]	Prova	['prɔ.vɐ] ~ ['pʁɔ.vɐ]	Roçado	[rɔ.'sa.dõ] ~ [ʁɔ.'sa.dõ]
[o]	Arroz	[a.'rɔʒ] ~ [a.'ʁɔʒ]	Provado	[pro.'va.dõ] ~ [pʁo.'va.dõ]
[u]	Arruma	[a.'ru.mɐ] ~ [a.'ʁu.mɐ]	Caro	['ka.rõ] ~ ['ka.ʁõ]

Fonte: elaboração própria

Diante dos dados analisados, corroboramos estudos anteriores de Agostinho (2016) e Agostinho, Soares e Mendes (2020), indicando a existência de um único fonema no quadro consonantal do PST e no PP. Entretanto, não pretendemos oferecer uma resposta absoluta sobre o tema, visto que é possível o rótico estar, no PST e no PP, em processo de mudança (cf. BOUCHARD, 2017), fato difícil de precisar sem examinar mais detidamente variáveis sociais. Além do mais, há de se considerar que a alternância de róticos não ocorre de forma categórica na fala de falantes mais velhos e mais jovens. Embora faixas etárias mais altas privilegiem o uso de [r] e a população mais jovem empregue mais [ʁ] (BOUCHARD, 2017), as duas formas são encontradas na produção de ambos os grupos. Vasta é a discussão em torno do tema, mas, por ora nos limitaremos a apresentar o problema, indicando o comportamento dos dados examinados e reunindo a discussão na literatura. É preciso, no entanto, que a questão seja avaliada à luz de novos estudos.

5.3 VOCALIZAÇÃO

Nesse processo, por diferentes razões segmentais, uma determinada consoante perde seu traço consonântico e adquire características de uma vogal. No PST e no PP, a vocalização atinge, sobretudo, a coda silábica /l/ e a consoante /ɲ/, sendo observados segmentos como [w] e [j] nesta posição silábica como indicado no quadro 3.

Quadro 3: Vocalizações no PST e no PP

	Vocalização de /l/	Vocalização de /r/ ([ʁ] > [w])	Vocalização de /ɲ/
[i]	fácil ['fa.siw]	-----	senhor [sĩ.'jo]
[e]	potável [pɔ.'ta.vew]	ferver [few.'ve]	banho ['bɛ.jõ]
[ɛ]	mel ['mew]	perto ['pɛw.tõ]	-----
[a]	salgada [saw.'ga.dɛ]	amargo [a.'maw.gõ]	ganhar [gɛ.'ja]
[ɔ]	anzol [ɛ.'zow]	-----	-----

[o]	bolso ['bow.sʊ]	-----	sonho ['sõ.jo]
[u]	-----	-----	unha ['ũ.jɐ]

Fonte: elaboração própria

Nos dados do quadro 3, [w] é uma realização possível para /l/ em coda como indicado na primeira coluna – /l/ também pode ser realizada como uma lateral velar [ɬ] (BALDUINO; VIEIRA, 2020). Conforme Balduino e Vieira (2020), a vocalização de /l/ ocorre diante de todas as qualidades vocálicas, exceto [u] – contexto favorável ao apagamento da coda -, e aproxima as variedades de STP da variedade brasileira do português (QUEDNAU, 1993). Todavia, a despeito das semelhanças observadas, enquanto no PB o fenômeno é registrado, de modo comum, como um processo de caráter diatópico (cf. CÂMARA JR., 1970; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), no PST e no PP, a oscilação entre [ɬ] ~ [w] ocorre, recorrentemente, na fala de um mesmo falante, como em fácil ['fa.siw] ~ ['fa.siɬ]⁵.

Além do mais, a forma [w] também configura uma possível realização do rótico, como pode ser verificado na segunda coluna de dados do quadro 3. Nos exemplos **ferver** [few.'ve], **perto** ['pew.to] e **amargo** [a.'maw.gõ], a vocalização é alimentada pelo lambdacismo do rótico em coda, fenômeno recorrente no PST, porém não relatado, até então, no PP. Assim, primeiro há a realização do rótico como lateral velarizada, como em **amargar** [a.maɫ.'gar], alimentando, posteriormente, a vocalização.

Por fim, [ɲ] pode ser ainda realizada como [j], contudo mantendo a nasalização da vogal contígua à esquerda como nos dados apresentados na última coluna. Nesses casos, [j], distintamente do PB, é realizado como uma consoante vocalizada oral e é realocado na posição de onset e a nasal é elidida, restando somente a nasalização da vogal silábica à esquerda. Além do mais, ocorrências como ganhar [ga.ni.'ar], embora menos frequentes, foram observadas nos dados do PST. Esse fato, em conjunto com a vocalização de [ɲ], nos leva a questionar o estatuto fonológico de /ɲ/ em tais variedades, visto que há a hipótese de estarmos, assim como no caso do rótico, diante de uma mudança em curso, pois grande instabilidade é observada em torno desse segmento. Considerando, entretanto, que pares mínimos ainda são observados em ambas as variedades, como **minha** ['mĩ.ɲɐ] e **mia** ['mi.ɐ], em que a realização de [ɲ] ainda é perceptível, analisamos, neste artigo, /ɲ/ como fonema.

No PB, há diferentes estudos que mostram que a nasal palatal está sofrendo variação em direção à vocalização, ou mesmo a sua redução (ALMEIDA, 2004; PINHEIRO, 2009). Em geral, esses estudos indicam tanto a produção de [j], com a manutenção da nasalização da vogal precedente, bem como uma vogal anterior nasalizada: [ĩ]. A forma [ĩ], também é atestada no PST e no PP, sendo observada, sobretudo, em palavras cuja nasal palatal é precedida pela vogal anterior [i]: **senhor** [sĩ.'o] e **minha** ['mĩ.ɐ].

Outro processo comum às variedades de STP e ao PE é a despalatalização da lateral palatal /ʎ/, realizada como [lj] - uma lateral coronal seguida por uma semivogal, como elucidado em (5). A vocalização da lateral palatal em [j], como em bolha *['bo.jɐ], no entanto, não foi observada nos dados (BALDUINO, 2020).

- (5) a. **bolha** ['bo.ljɐ] ~ ['bo.ʎɐ]
 b. **milho** ['mi.ljo] ~ ['mi.ʎo]

Na língua portuguesa, a despalatalização da lateral palatal é comumente circunscrita ao PB (MADUREIRA, 1999; PINHEIRO, 2009), no entanto, Leite de Vasconcelos (1901), no início do século XX, já aponta que o português falado em ex-colônias portuguesas também despalatalizam /ʎ/, fato confirmado nos dados do PST e do PP. No PE, a forma [lj] também é verificada, constituindo uma variante possível na região metropolitana de Lisboa – ainda que as formas mais recorrentes sejam [ʎ] ou mesmo a lateral palatalizada [lʎ] (QUANDT, 2014).

⁵ Todas as ocorrências apresentadas no quadro 3 continham a seguinte variação: [ɬ] ~ [w] para a lateral em coda; [r] ~ [ʁ] ~ [w] para casos em que o rótico era vocalizado e [ɲ] ~ [j] quando a nasal palatal era realizada como glide.

Notamos, em suma, que, assim como suas variedades congêneres, o PST e o PP tendem a despalatalizar /ʎ/ e /ɲ/, sendo possível, no caso da nasal palatal, sua vocalização completa em [j]. A vocalização também ocorre na lateral em coda, realizada como [w], ou mesmo, de forma menos recorrente, com o rótico – caso esse seja lateralizado antes. Em todos os casos, a vocalização e/ou a despalatalização, por configurarem processos de enfraquecimento, alteram a estrutura silábica do output, promovendo as seguintes reestruturações: CVC_CVG (/l/ _ [w]); C.CV_CGV (/ʎ/ _ [j]), considerando a lateral palatal como ambissilábica); C.CV_GV (/ɲ/ _ [j] ~ [nj], considerando a nasal palatal como ambissilábica) e C.CV_V (/ɲ/ _ (→ ∅), apagamento da nasal palatal após nasalização da vogal precedente). Além do apagamento de /ɲ/, outras elisões que provocam reestruturação silábica no PST e no PP são recorrentes, tópico da seção 5.4 a seguir.

5.4 APAGAMENTOS SEGMENTAIS

Apagamentos segmentais são recorrentes no PST e no PP, assim como em algumas variedades do PB e do PE, atingindo, sobretudo, C2 de um cluster (C₁C₂V), codas, vogais átonas pretônicas, postônicas mediais e átonas finais, como exposto no quadro 4.

Quadro 4: Apagamentos segmentais no PST e no PP

	Cluster (C ₁ C ₂ V)	Coda	Vogal
[i]	padre ['pa.di]	fácil ['fa.si]	escrever [ʃkre.'ve]
[e]	-----	vermelho [ve.'me.ʎɔ]	chávena [ʃav.nɐ]
[ɛ]	-----	certo ['sɛ.tɔ]	-----
[a]	plástico ['paʃ.ti.kɔ]	Barci ['ba.kɔ]	chácara [ʃa.kɾɐ]
[ɔ]	petróleo [pe.'tɔ.lɐɔ]	farol [fa.'ɾɔ]	abóbora [a.'bɔbɔɾɐ]
[o]	problema [po.'be.mɐ]	bolso ['bo.sɔ]	-----
[u]	professora [pu.fe.'so.ɾɐ]	pulso ['pu.sɔ]	bicho ['biʃ]

Fonte: elaboração própria

Os processos de apagamento retratados são apenas uma amostra de um fenômeno de ampla implementação no PST e no PP, no qual são observados alvos e gatilhos distintos, podendo ser explanados de diferentes formas (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020; BALDUINO, 2020). Em geral, conforme Gomes (2018), enquanto as vogais elididas estão condicionadas ao acento lexical, atingindo sílabas pretônicas e postônicas – finais ou não finais –, o apagamento de codas e de onsets complexos ocorrem de maneira independente à sílaba alvo compor uma tônica ou átona (BALDUINO, 2019, 2020).

De acordo com Gomes (2018), o apagamento de vogais postônicas no PST atinge, principalmente, vogais médias, porém, é observado, também, com outras vogais: **chácara** [ʃakɾɐ] ~ [ʃakɾɐɐ]; **abóbora** [a.'bɔbɔɾɐ] ~ [a.'bɔbɔɾɐɐ] ~ [a.'bɔbɔɾɐɐ]. Conforme a autora, esse processo é favorecido no PST quando o apagamento vocálico resulta em um cluster gramatical, composto, sobretudo, mas não exclusivamente, por uma obstruinte [p, b, d, t, k, g, f, v] e uma líquida [l, r] (GOMES, 2018), template previsto em diferentes estudos dedicados ao português. Um template silábico esperado, no entanto, nem sempre configura o resultado do apagamento vocálico, posto que o apagamento de vogais altas pretônicas e postônicas, muitas vezes, gera um output não previsto pelas regras de silabificação do português, principalmente se antecedido ou sucedido por uma fricativa, como em **escrever** [ʃkre.'ve] e **chávena** [ʃav.nɐ], processo também atestado no português europeu. Em ambos os casos, a reestruturação silábica, promovida pelo apagamento, gera um template silábico emergente mais complexo que nem sempre respeita o princípio de sonoridade, como em **fraco** [ʃɾakɔ], em que temos uma sequência de fricativas no cluster.

De modo paradoxal à emergência de estruturas complexas, os apagamentos recorrentes que têm como alvo codas (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020) e a segunda consoante de um onset complexo, geram sílabas CV - estrutura considerada tipologicamente menos marcada nas línguas naturais (ZEC, 2007). Nesse sentido, as codas e C₂ de um onset complexo seriam, coincidentemente, alvos de processos cujo resultado é, justamente, a sílaba menos marcada nas línguas naturais.

Os resultados do fenômeno de apagamento são, portanto, distintos, ora promovendo a reestruturação silábica de um *template* CCV e CVC em CV, ou VC em VG, ora gerando um *template* não esperado e/ou mais complexo como VC em CCCV, como exposto no quadro 5.

Quadro 5: *Templates* silábicos resultantes de processos fonológicos do PST e do PP

	Palavra		Template Original	Template Resultante
Escola	[iʃ.'kɔ.lɐ]	~ [ʃkɔ.lɐ]	VC	CCV
Estrela	[iʃ.'tre.lɐ]	~ [ʃtre.lɐ]	VC	CCCV
Correr	[ko.'rɛr]	~ [ko.'re]	CVC	CV
Alface	[aʃ.'fa.sɪ]	~ [aw.'fa.sɪ]	VC	VG
Prática	['pɾa. ti.kɐ]	~ ['pa.ti.kɐ]	CCV	CV

Fonte: elaboração própria

Os apagamentos, nesses casos, parecem ser engatilhados por questões tipológicas distintas e com resultados opostos do sistema fonológico do PST e do PP: o apagamento consonantal favorecendo uma estrutura silábica mais simples; o apagamento vocálico de átonas enfatizando e maximizando a diferença sonora entre sílabas tônicas e átonas (cf. NEVINS, 2012), a despeito de gerar, em contrapartida, sílabas complexas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutiram-se alguns fatos históricos que, remontando ao primeiro (séculos XV e XVI) e ao segundo período (séculos XIX e XX) de colonização portuguesa em STP, criaram o cenário de contato linguístico e, em conjunto com o ambiente insular de STP, propiciaram a emergência de novas línguas. É, também, neste mesmo contexto histórico e social que o português é eleito a língua-alvo da população instalada em STP, ainda que o input de tal língua fosse escasso. Abordamos, ainda, os processos históricos de interação social no período pós-colonial que promoveram a difusão da língua portuguesa e levaram as línguas autóctones à obsolescência. Neste período, observamos, com a transmissão do português L1, o estabelecimento de diferentes variedades de português faladas em STP, como é o caso do PST e do PP.

A consolidação destas variedades é reforçada por fenômenos fonológicos inerentes a tais variedades. Mediante a apresentação de processos como a nasalização vocálica, variação do rótico, vocalização de /l/, /r/ e /ɲ/ e diferentes apagamentos segmentais, foi demonstrado que, assim como em qualquer língua, o PST e PP apresentam características estruturais próprias que podem ou não serem compartilhadas com as diferentes variedades do PE, PB e/ou de qualquer outra variedade de língua portuguesa.

A discussão teórica que abarcou aspectos históricos e sociais, em consonância com a exposição de alguns fatores fonéticos e fonológicos do PST e do PP reforça seu estatuto como variedades efetivas do português enquanto L1. O aprofundamento, no entanto, de estudos que tratem de processos e aspectos linguísticos do PST e do PP é fundamental para a descrição de uma gramática própria de tais variedades. Esta, além de ser capaz de promover o estabelecimento de uma norma privativa singular a STP no

arquipélago, rompendo com as pressões ainda exercidas pelo PE, contribui com a descrição de mais uma variedade do português, revisitando aspectos já trabalhados nas outras variedades e, por conseguinte, lançando luz sobre antigas e novas questões.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: HORA, D.; COLLISCHON, G. (ed.) *Teoria linguística: Fonologia e outros temas*. Paraíba: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e Método Pedagógico do lung'le*. 2015. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. In: ENCONTRO DA ABECS, 9.,. Brasília, Universidade de Brasília, 28-30 de novembro, 2016.

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E.; MENDES, M. Merging of quasi-phonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. In: ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY: 2020, California, University of California Santa Cruz, 18-20 de setembro de 2020.

AGOSTINHO, A. L.; MENDES, M. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, p. 154 -176, 2020.

ALMEIDA, M. M. S. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. *Signum – Estudos da Linguagem*, Londrina, v.7, p.149-163, 2004.

ALBANO, E. Fonologia de Laboratório. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 169-182.

ARAUJO, G.; AGOSTINHO, A. L. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81, 2010.

ARAUJO, G.; HAGEMEIJER, T. *Dicionário Santome-Português/Português-Santome*. São Paulo: Hedra, 2013.

ARAUJO, G.; BALDUINO, A.M. Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. *Diacrítica*, v. 33, n. 2, p. 41-68, 2019.

ARAUJO, G.; Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe?. In: SOUZA, S.; OLMO, F. C. (org.). *Línguas em português – A Lusofonia numa visão Crítica*. Porto: Universidade do Porto Press, 2020. p. 173-197.

BALDUINO, A.M. *A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe*. 2018. 296 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A.M. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense. *Papia*, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2019. Disponível em: http://revistas.flch.usp.br/papia/article/view/3366/pdf_1. Acesso em: 23 jul. 2020.

BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2490>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M; FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1690>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- BALDUINO, A.M. Nasality Triggered by /ɲ/ in two Portuguese of São Tomé and Príncipe. *Diadorim*, v. 22, n.3, 2020, Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/36244/21425>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- BALDUINO, A.M. Templates silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e ‘prevalência’ de sílabas CV. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 22, n. 2, p. 247-270, 2020, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/175052/16950>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- BALDUINO, A.M. *Fonologia do português de São Tomé e Príncipe*. 2022. 561 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022..
- BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 439 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BAXTER, A. O Português dos Tongas de São Tomé. In: OLIVEIRA, M. D.; ARAUJO, G. (org.). *O Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2018. p. 297-324.
- BOUCHARD, M. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. 2017. 389 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017.
- BOUCHARD, M. A distinctive use of R as a marker of Santomean identity. *Journal of Belonging, Identity, Language and Diversity*, v. 2, n. 1, p. 6-24, 2018.
- BRANDÃO, S. F. et al. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 293-315, 2017.
- BRANDÃO, S. F.; PAULA, A de. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 93-118.
- BRANDÃO, S. F. Apagamento de R em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, Especial, p. 390-408, 2018.
- CÂMARA JR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.
- CÂMARA JR, J. M. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1953.
- COMIOTTO, A; MORGOTTI, F. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum Language and Culture*, v. 41, n. 2, p. 1-9, 2019.
- FERRAZ, L.I. *The creole of São Thome*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- GOMES, D. K. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (ed.). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 159-176.
- GONÇALVES, R. *Propriedade de Subcategorização verbal no português de S. Tomé*. 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

- GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, v.1, n.1, p. 84-103, 2015.
- HAGEMEIJER, T. 2009. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOH, E.; SMITH, N. (ed.). *Complex processes in new languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. 2009. p. 29-50.
- HAGEMEIJER, T. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, p. 111-154, 2011.
- HAGEMEIJER, T. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (Ed.). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018. p. 169-184.
- HARRIS, J. Flaps, Trills, and Syllable Structure in Spanish. In: CSIRMAZ, A. et al. (org.). *Phonological Answers, MIT Working Papers in Linguistics*, v. 42, p. 81-108, 2002.
- INE. *Instituto Nacional de Estatística (INE): São Tomé e Príncipe em Números*. São Tomé: INE, 2012. Disponível em: <http://www.ine.st/2012.html>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud & Cie, 1901.
- LUCCHESI, D; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (ed.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 427-445.
- MADUREIRA, E. Reanálise de alguns aspectos d vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1. p. 125-145, 1999.
- MATEUS, M. H; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford Linguistics, 2000.
- MAURER, P. *Principense Grammar texts, and vocabulary of the afro-portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge Publications, 2009.
- MCARTHY, J. OCP effects: Gemination and Antigemination. *Linguistic Inquiry*, v. 17, p. 207-63, 1986.
- MILHEIRO, A. São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974). In: ACTAS do Colóquio Internacional São Tomé E Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica, 2012. p. 87-127.
- MONTEAGUDO, H. A invenção do monolingüismo e da língua nacional. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 43-53, 1. sem. 2012.
- NASCIMENTO, A. 2010. *História da Ilha do Príncipe*. Lisboa: Oeiras.
- NASCIMENTO, A. *Atlas da Lusofonia. São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Prefácio, 2008.
- NEVINS, A. Vowel Lenition and Fortification in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 228-233, 2012.
- NUNES, A. H. Identidade e aprendizagem no crioulo haitiano. *PAPIA*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 81-109, jul./dez. 2019.
- PINHEIRO, N. L. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

- QUANDT, V. A lateral palatal no Português do Brasil e no Português europeu: um estudo sociolinguístico comparativo. *In: PAULA, A. et al. Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Sílvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2014. p.151-166.
- QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. 1993. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.
- SEIBERT, G. Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Ensino Superior e Trajetórias em Portugal. *In: COSTA, A. B. da; FARIA, M. L. de. Formação superior e desenvolvimento: estudantes universitários africanos em Portugal*. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 209-243.
- SEIBERT, G. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 99-120, 2015.
- WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, p. 1-4, 1997.
- WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.
- WETZELS, W. L. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, Ubiquity Press, v.5, n.6, p.9-58, 2007.
- VIEIRA, N.M.; BALDUINO, A.M. Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, n. 3, 2021.
- WORLDBANK. Health Nutrition and Population Statistics. 2019. Retrieved: 20/11/2020. Disponível em: <https://datacatalog.worldbank.org/dataset/s%C3%A3o-tom%C3%A9-e-pr%C3%ADncipe-world-bank-group-country-survey-2019>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- ZEC, D. The syllable. *In: DE LACY, P (ed.). The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 161-194.



Recebido em 13/02/2020. Aceito em 22/03/2021.